

Manual Git

Professor Doutor **Marcos Bernardino de Carvalho** - Sociedade, Meio Ambiente e Cidadania - Turma 34

2953101 - **John Robson Leite Jasmim** - john.robson@usp.br - <http://lattes.cnpq.br/2099312315932531>

SUMÁRIO		Conclusões	4
		Referências	4
Objetivo desta Reflexão	1		
I Os Porquês da Desordem Mundial - Mestres Explicam a Globalização	1		
I-A A naturalização da globalização	1		
I-B Processo de transformações	2		
I-C O espaço da natureza no mundo globalizado	2		
II O que é cidadania?	2		
II-A Marshall e os direitos de cidadania . . .	2		
II-A1 Direitos de primeira geração (estado mínimo)	2		
II-A2 Direitos de segunda geração (estado forte)	2		
II-A3 Direitos de terceira geração (grupo sobre o indivíduo) . .	2		
II-A4 Direitos de quarta geração (pré-vida sobre a vida) . . .	2		
II-B Interpretações de cidadania	2		
II-B1 O que vale para alguns não vale para outros	2		
II-B2 Religião e cidadania	2		
II-B3 Público vs Privado	2		
II-C A reconstrução da cidadania	3		
II-C1 O Estado, a Sociedade e o Homem	3		
II-C2 A cidadania em nossos dias	3		
III O cidadão, o não-cidadão e o consumidor	3		
III-A Alguns cidadãos são mais cidadãos que outros	3		
III-B Da inexistência do cidadão ao nascimento do não-cidadão	3		
III-C Moda: a religião do consumo e sua alienação	3		
III-D O bom e o mau consumidor (do ponto de vista da empresa)	4		
		OBJETIVO DESTA REFLEXÃO	
		Esta reflexão tem por objetivo analisar e ponderar sobre as aulas do Prof Dr. Marcos Bernardino de Carvalho a respeito de temas relacionados ao meio ambiente, sociedade, poder do estado [CARVALHO e GONÇALVES 1995], nossa atual ordem mundial [GONÇALVES 2004] e a visão geral do tema cidadania, direitos e globalização [Vieira 2005], [Santos 1988]. Refletir sobre as idéias levantadas por estes autores não é uma tarefa simples, pois estes temas são profundos, suas idéias são densas e a visualização do funcionamento de todo o sistema sócio-econômico-ambiental exige uma compreensão tanto de fatos passados relacionados à construção de nossa sociedade, quanto dos inúmeros fatos atuais que moldam nosso estilo de vida. Diante de tais desafios de interpretação e reflexão destes profundos temas, as aulas do prof Marcos dão ao aluno o olhar preciso e correto, clareando sua interpretação, norteando a direção à qual segue nossa sociedade e dando liga ao entendimento destes diversos assuntos contemporâneos.	
		I. OS PORQUÊS DA DESORDEM MUNDIAL - MESTRES EXPLICAM A GLOBALIZAÇÃO	
		A. A naturalização da globalização	
		Desde que o homem pisou na Lua pela primeira vez o conceito abstrato de que somos um pequeno ponto no meio do universo tornou-se real. Porém este ponto é o que chamamos de Terra ou de Nosso Lar e é por si só sem fronteiras entre os povos (fora as naturais como os oceanos e montanhas).	
		Esse conceito de mundo sem fronteiras se faz mais presente nos dias de hoje em que satélites nos trazem a todo momento informações de todos os lugares do mundo, em tempo real; dessa forma temos a impressão de que nos tornamos uma comunidade global e não somente regional ou nacional.	
		Globalização esta que se faz mais presente por meio das grandes empresas transnacionais ¹ , dos bancos interna-	

¹Coca-cola, GM, etc

cionais^{2,3} e de modo geral organizações de influência internacional⁴.

B. Processo de transformações

A globalização como conhecemos hoje é na verdade a evolução de um longo processo no qual passou, pelo Manifesto Comunista de 1848 que foi combatido pela política capitalista dos EUA; por vários movimentos de luta pela queda das fronteiras e diversos outros de caráter iluminista, burguês, marxista, anarquista, ecologista, etc.

C. O espaço da natureza no mundo globalizado

Quando o homem caiu em si que era apenas mais um ser vivo dependente de todos os demais seres vivos, desfez-se a visão antropocêntrica de dependência e surgiu a idéia de interdependência. A partir de então a problemática ambiental passou a ser interpretada não apenas como uma questão de ordem ética, filosófica e política, mas sobretudo e principalmente como a necessidade de soluções práticas e técnicas para resolver os graves problemas de poluição, desmatamento, erosão, assoreamento, lixões e demais agressões ao meio ambiente.

Soluções estas muito longe de serem fáceis, pelo contrário, exigem em muito um debate sério e uma realização imediata eficaz pois nosso planeta está diante de graves riscos ambientais e os estados até o momento vem tomando decisões pífias e pouco eficientes. O que mais vemos são decisões não eficientes, mas como efeito placebo, ou seja, o de incitar na população a idéia de que estão sendo tomadas soluções eficientes, porém que na verdade são apenas máscaras criadas pelos “de cima” para influenciar os “de baixo”.

II. O QUE É CIDADANIA?

A. Marshall e os direitos de cidadania

1) Direitos de primeira geração (estado mínimo):

a) *Direitos civis*: Direitos individuais de liberdade, igualdade, propriedade, de ir e vir, direito à vida, segurança, etc.

b) *Direitos políticos*: Liberdade de associação e reunião, de organização política e sindical, à participação política e eleitoral, ao sufrágio universal, etc. Também chamados de direitos individuais exercidos coletivamente, e acabaram se incorporando à tradição liberal.

2) *Direitos de segunda geração (estado forte)*: Direitos sociais, econômicos ou de crédito: direito ao trabalho, saúde, educação, aposentadoria, seguro-desemprego e a garantia de acesso aos meios de vida e bem-estar social.

3) *Direitos de terceira geração (grupo sobre o indivíduo)*: Direitos dos grupos humanos como: o povo, a nação, coletividades étnicas ou a própria humanidade: direito à autodeterminação dos povos, direito ao desenvolvimento, direito à paz, direito ao meio ambiente, etc.

a) *Novos movimentos sociais (interesses difusos)*: Direito ao meio ambiente e direito ao consumidor; direitos das mulheres, das crianças, das minorias étnicas, dos jovens, dos anciãos, etc.

4) *Direitos de quarta geração (pré-vida sobre a vida)*: Impedir a destruição da vida e regular a criação de novas formas de vida em laboratório pela engenharia genética.

B. Interpretações de cidadania

1) *O que vale para alguns não vale para outros*: Temos vários exemplos de formas de cidadania parcial, onde dentro de um mesmo estado, nação ou império os direitos e privilégios eram garantidos para um determinado grupo de pessoas e para outros não; como por exemplo nas cidades estados gregas e no império romano em que cidadãos conviviam juntamente com escravos que junto com os estrangeiros e mulheres não tinham qualquer direito, ou então tinham direitos muito limitados e restritos; outro exemplo mais recente do império britânico cujos cidadãos tinham e exigiam seus direitos de cidadãos ingleses, porém desprezava os direitos civis em suas colônias.

2) *Religião e cidadania*: A religião teve um forte papel no desenvolvimento da cidadania, porém nem sempre com o mesmo posicionamento. Calvin⁵ defendeu a sociedade frente o estado, porém Lutero⁶ defendeu a obediência ao estado, em outra posição a teoria agostiniana⁷ se posicionou afastada da política, pois a cidade é dos homens e ela é má. De modo geral o catolicismo trouxe um fraco senso de identidade e cidadania ao contrário do protestantismo.

3) *Público vs Privado*: A tradição cívica coloca-se mais do ponto de vista do Estado do que do cidadão; ou seja os direitos do indivíduo e os deveres do estado necessitam de um elemento que os una para que se tenha o sentimento de comunidade, de identidade coletiva; pois o predomínio do público sobre o privado e vice-versa gera a inviabilização do outro; ou seja, trata-se de se buscar a integração da solidariedade familiar, existente no espaço doméstico, com as regras impessoais, racionais, das instituições públicas; dessa forma levando a casa para a rua.

Nesse processo o conceito básico de civismo ou cidadania é composto por:

- 1) a inteligibilidade do mundo político pelo cidadão;
- 2) a empatia enquanto capacidade de colocar-se no lugar de outros cidadãos para aprender seus interesses e justificações;
- 3) a civilidade que se refere ao reconhecimento interindividual.

A partir deste processo a conduta de uma pessoa cuja autoconsciência individual está parcialmente sobre-determinada

⁵John Calvin (1509-1564) teólogo e reformista francês de origem suíça, líder do movimento reformista protestante.

⁶Martinho Lutero (Eisleben, 10 de novembro de 1483 — Eisleben, 18 de fevereiro de 1546) foi um monge agostiniano alemão, teólogo, professor universitário, "Pai do Protestantismo", e reformista da Igreja Católica, cujas idéias influenciaram a Reforma Protestante e mudaram o curso da Civilização ocidental.

⁷Relativo a Santo Agostinho (santo católico).

²BIRD (Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento)

³FMI (Fundo Monetário Internacional)

⁴OMC (Organização Mundial do Comércio)

por sua autoconsciência coletiva, gerará o que Montesquieu⁸ chamou de “Amor à República e a Democracia”.

C. A reconstrução da cidadania

1) *O Estado, a Sociedade e o Homem*: Devido à incompatibilidade entre a monarquia absoluta e a cidadania, a idéia republicana de cidadania se inspirou na democracia grega e na república romana, buscando liberdade: civil, de opinião, de associação e decisão política. Esta reconstrução buscava o deslocamento da soberania do monarca para as mãos do povo; mudando o conceito de vontade singular do príncipe para a vontade geral do povo. Essa remodelação da cidadania criou uma nova definição em que pelo princípio do direito dos povos, a soberania é atributo da Nação, do povo, e não do príncipe ou monarca.

2) *A cidadania em nossos dias*: Em uma era globalizada falar de cidadania não é mais limitá-la ao âmbito nacional, de um território ou região, mas sim de uma ordem internacional em que os problemas que afetam a humanidade e o planeta atravessam fronteiras e tornam-se transnacionais, sendo partilhados por todos nós. Problemas como produção, comércio, pobreza, fome, danos ambientais, desemprego e demais questões sociais e econômicas devem ser também tratadas na esfera internacional, tornando o indivíduo de hoje um cidadão do mundo onde todos formamos uma emergente e verdadeira cidadania planetária.

III. O CIDADÃO, O NÃO-CIDADÃO E O CONSUMIDOR

A. Alguns cidadãos são mais cidadãos que outros

Cidadãos são todos quantos fazem parte de uma nação ou estado que reconheça, estabeleça e garanta à sua sociedade os direitos básicos às necessidades do ser humano. Como vimos nos parágrafos acima somente em meados do séc. XX o terceiro conjunto de direitos - os direitos sociais - garantiria aos indivíduos um padrão de vida decente, uma proteção mínima contra a pobreza e a doença, assim como uma participação na herança social⁹. Porém esses direitos não igualmente garantidos à todos.

Dentre os países há diferentes respostas quanto aos direitos que são considerados essenciais aos seus cidadãos e dentro dos próprios países, estes por sua vez países subdesenvolvidos há uma grande diferença de classes sociais que torna alguns, mais e outros menos cidadãos; sendo que muitos nem ao menos são respeitados pelo Estado como cidadãos.

B. Da inexistência do cidadão ao nascimento do não-cidadão

Nosso país nos anos 50 à 80 em menos de duas gerações passou por inúmeras transformações econômicas, que produziram um rápido crescimento, porém este crescimento, não sustentável, fundado em certos setores produtivos e baseado em certos lugares, veio a agravar a concentração de riqueza e as injustiças (já grandes) de sua distribuição; gerando dessa forma

grandes fluxos migratórios para áreas do sudeste causando o esvaziamento de regiões no nordeste, além do surgimento de bolsões de pobreza periféricos aos grandes centros e com isso enormes desigualdades sociais.

A classe média que também se definia neste período já nascia debaixo das influências da busca da ascensão social e material em detrimento do sentido de cidadania, no lugar do cidadão surgia o consumidor ou usuário do que se era oferecido pelas empresas. Essa oferta ao consumo de massa, valeu-se da mídia para impor seus gostos e preços; orientando o desejo dos indivíduos; tornando seus projetos, sonhos e realizações voltados para os objetivos das grandes empresas; substituindo a cultura popular pela cultura de massas. Como nem todos conseguem atingir este sonho de consumo surge o consumidor insatisfeito, aquele que sempre buscará sem alcançar este “sonho” inatingível e intangível. Esse estado de super-informação contínua da mídia e da sub-informação crônica da população é o que caracteriza nossas sociedades contemporâneas.

C. Moda: a religião do consumo e sua alienação

Dentre diversas características que podem diferenciar as colonizações do Brasil (ou generalizando para toda a América Latina) e dos EUA; podemos citar as de ordem religiosa como nossa colonização ser católica e a dos EUA ser protestante; ordem étnica, tendo nossas origens de predominância ibérica¹⁰, africana e indígena; enquanto nos EUA predominava a anglo-saxã¹¹. Porém independente dessas características, nossas diferenças se tornam irrelevantes quando analisamos a enorme influência que o “consumo conspícuo” tem em todo lugar do globo.

Se a religião teve forte influência na colonização e desenvolvimento desses países; hoje em dia o que mais exerce dominação sobre os indivíduos é o consumo, que os domina e os regula, impondo os mais minuciosos detalhes de suas roupas, atitudes, objetos de consumo e desejo, fazendo-os regular suas vidas e ações pelos interesses e objetivos de outros, tanto de outros indivíduos (como em grupos sociais que para se aceitos deve-se viver segundo suas regras) quando da tirania da mídia e das grandes corporações que por meio da moda manipulam e movimentam as massas para que as mesmas ajam segundo seus preceitos; esses por sua vez ditados pela moda.

Em nossos dias nada movimenta mais a economia, nada mais exerce tamanha influência e nada mais afasta os indivíduos da característica de cidadãos que a religião do século XXI que é a moda; influenciadas pela mídia multidões vivem suas vidas seguindo os ditames e regras outorgadas pela moda, exigindo sempre a roupa da estação (que todo ano, mesmo sendo a mesma estação é completamente diferente), o carro do ano que “quem tem, fez por merecer” e o celular MP3, MP4, MP1000.

Todo este consumo desenfreado cria seres alienados onde o processo de confronto e análise consciente do mundo cede

⁸Charles Louis de Secondat Montesquieu (1689-1755), escritor e filósofo político francês que recebeu o título de “Barão de la Brede et de Montesquieu”

⁹O exercício desses direitos é, ainda hoje, privilégio dos países já integrados ao sistema *Welfare State*.

¹⁰Portugueses e espanhóis.

¹¹Anglo-Saxão, membro de um dos povos germânicos da Inglaterra antes do século XII; seu idioma, inglês antigo; pessoa inglesa; dos anglo-saxões.

lugar a reações imediatistas, quase mecânicas, nas quais é insípido o papel da consciência, do pensamento e dos próprios sentimentos, formando o “homem fabricado”¹² cujo conhecimento é fragmentado e a realidade distorcida; nesse quadro de vida, a existência é vivida não tanto para a consagração dos valores, mas para a busca das coisas: o produtor se tornando submisso ao objeto produzido; é o produto que ganha em poder, enquanto o trabalhador se despoja do seu próprio valor e poder.

D. O bom e o mau consumidor (do ponto de vista da empresa)

Falar de direitos do consumidor é antes de mais nada refletir se realmente são direitos e se estes são para o bem do consumidor, pois se o Consumo é um “deus”, a Moda sua principal “religião”, os *Shopping Centers* suas “catedrais”, por certo os órgãos de defesa ao consumidor deveriam ser o “diabo” desta seita de nossos dias; porém como o poder das empresas é tamanho grande, até “esse diabo” trabalha a favor do consumo; pois mesmo os órgãos de defesa ao consumidor não atacam o consumo, pelo contrário, sua finalidade é garantir ao consumidor as melhores condições de compra, para que possam ter mais confiança na sua prática; informando sobre as melhores empresas e os produtos de melhor qualidade, etc.

Qualidade de produto e defesa nem sempre respeitadas, pois as manipulações de indústrias e de intermediários tornam os consumidores em geral inermes diante das práticas de “obsolescência original” das empresas que enganam fraudulentamente o comprador com a apresentação de produtos deliberadamente destinados a durar muito pouco; somente restando ao consumidor a conformidade com a espoliação, o desconhecimento do direito de reclamar e a descrença de que a reclamação seja realmente atendida.

Porém os poucos indivíduos que sustêm seus direitos de cidadão e desafiam os mandamentos de mercado do consumo, tornam-se consumidores imperfeitos; delineando uma ponte que, se há realmente os direitos do consumidor, por certo é de garantia do indivíduo ter seus direitos do cidadão respeitados para que não seja obrigado a se submeter as regras impostas pelas grandes corporações. Vemos dessa forma que o verdadeiro direito do cidadão não vem do estado, mas sim de si próprio que pela sua consciência e desalinação que lhe permite compreender a estrutura do aparelho de consumo e as estruturas dos poderes intersubjetivos em que vivemos imersos em nossa sociedade consumista. Essa consciência direciona o indivíduo à conquista de uma personalidade forte, capaz de romper com os preconceitos e em grupos sua força é multiplicada e permite a instalação destes princípios na sociedade. É necessário estar atento à mudanças na forma de atuação dos grandes conglomerados do consumo; estes se adaptarão ao contexto e talvez comercializem a própria cidadania.

CONCLUSÕES

Não podemos analisar a globalização apenas como um evento atual, mas sim como a evolução de um longo processo de mudanças que ocorrem desde o séc XIX. Nascido concomitantemente com a globalização foi o direito do homem de ser reconhecido como um cidadão e de ter o direito a um padrão de vida decente, uma proteção mínima contra a pobreza e a doença. A garantia destes direitos junto com o crescimento da economia permitiu a ascensão social e material em detrimento do sentido de cidadania, e no lugar do antigo cidadão surgia o consumidor. Nossa atual sociedade muitas vezes é cegada pelo consumo, pelo regismo da ascensão social e material. A reconstrução desta cidadania perdida dá-se pela desalinação deste consumidor e sua conscientização de não submeter-se às regras impostas pelas grandes corporações e pela sociedade, permitindo-lhe a conquista de uma personalidade forte e o resgate de seus direitos, os direitos de todos os seres humanos. A leitura destes textos, permite que o aluno possa refletir sobre os reais significados do “Ser Cidadão”.

REFERÊNCIAS

- [CARVALHO e GONÇALVES 1995]CARVALHO, M. B.; GONÇALVES, C. W. P. *Ecologia, Sociedade, Estado e Desafio Ambiental*. [S.l.]: PUC, 1995. (document)
- [GONÇALVES 2004]GONÇALVES, C. W. P. *Os Porquês da Desordem Mundial - Mestres Explicam a Globalização*. [S.l.]: Record, 2004. (document)
- [Santos 1988]SANTOS, M. *O Espaço do Cidadão*. São Paulo: Nobel, 1988. (document)
- [Vieira 2005]VIEIRA, L. *Cidadania e Globalização*. 8. ed. Rio de Janeiro: [s.n.], 2005. (document)

¹²O homem fabricado “poderia ter a ilusão de formar decisões livres. Ele não seria - falando rigorosamente - um autômato, privado de consciência, ao serviço de um homem, mas um indivíduo cuja própria estrutura e quase-consciência seriam um reflexo das escolhas e das decisões de algum outro.” (F. Perroux, 1970, pp. 131-132)